
George Monteiro, *The Presence of Pessoa: English, American, and Southern African Literary Responses*. Lexington, KY: The University Press of Kentucky, 1998.

Como o próprio título indica, este novo livro de George Monteiro trata da influência de Fernando Pessoa em autores de língua inglesa oriundos do Reino Unido, dos Estados Unidos e da África do Sul. A escolha que Monteiro faz dos poetas a incluir na sua obra de modo algum é arbitrária. Começando por sublinhar enfaticamente que «Fernando Pessoa (1888-1935) é a última grande descoberta da poesia ocidental do século XX» (p. 1), este estudo pioneiro passa em seguida a registar criticamente o primeiro impacto das criações poéticas de Pessoa (com destaque para o conceito mesmo de heteronímia) em poetas que se exprimem em língua inglesa. *The Presence of Pessoa* interessará também, sem dúvida, aos pessoanos; mas é de particular importância para quem se preocupe com a história literária e a tradição poética anglo-americanas.

O primeiro poeta de que Monteiro se ocupa é Roy Campbell. E não sem razão, pois que este poeta e ensaísta sul africano, que se dedicou também ao jornalismo e à rádio, e que no início dos anos cinquenta se instalou em Portugal, foi talvez o primeiro dos poetas mencionados no livro a deixar-se estimular pelo poeta português. O livro sobre *Portugal*, que Campbell publicou em 1957, dedica quatro páginas inteiras a Pes-

soa («esse poeta espantoso» (p. 24) [«amazing», um epíteto que vai depois ser repetido ao longo dos tempos por muitos leitores, incluindo Harold Bloom em *The Western Canon*]). À altura da sua morte, num acidente de viação em Setúbal nesse mesmo ano, Campbell tinha em fase muito adiantada um ensaio sobre Pessoa, que se comprometera a escrever para a editora londrina de Bowes and Bowes. Uma contribuição valiosa deste livro de George Monteiro é justamente a inclusão, em apêndice, do manuscrito incompleto que Campbell intitulara «Fernando Pessoa». O capítulo sobre o modo como a sensibilidade de Campbell reage à poética pessoana é um excelente exemplo da alta qualidade científica do trabalho de Monteiro: uma investigação minuciosa e rigorosa dos dados relevantes, a inspirar extrema confiança, e uma perspectiva crítica equilibrada e sugestiva. De modo algum silenciando a política reacionária de Campbell, antes sublinhando com clareza que o modo como Campbell concebe Pessoa tem tudo a ver com o Portugal de Salazar nos anos cinquenta, Monteiro consegue, no entanto, apreciar devidamente não só a originalidade da leitura que Campbell nos oferece de Pessoa, mas também as características mais interessantes da sua própria poesia e a influência que nela exerceu a poética pessoana.

A simples menção dos outros autores incluídos no estudo de Monteiro, muitos deles (como o próprio Campbell) também tradutores de Pessoa, dá bem testemunho do impacto que a poesia e a poética do poeta modernista português teve em poetas

de língua inglesa, desde os finais dos anos cinquenta ao início dos anos oitenta. O poliglota Edouard Roditi, um americano nascido em Paris, que nos anos cinquenta colaborou com Celan em traduções de Pessoa para alemão, e cujo ensaio «The Many Faces of Fernando Pessoa,» publicado em *Poetry* em Outubro de 1955, «foi a primeira apresentação de Pessoa nos Estados Unidos» (p. 28-29); Thomas Merton, o monge trapista americano em cuja escrita dos anos sessenta reverbera a poética heteronímica de Alberto Caeiro, um «poeta» que Merton de resto define como um anti-poeta com fortes traços de budismo-zen (p. 35); Edwin Honig, tradutor dos *Selected Poems by Fernando Pessoa*, cuja primeira edição em 1971 pela Swallow Press causou uma impressão profunda em Karl Shapiro («On First Looking into Honig's Pessoa,» p. 43), e que escreveu belos poemas pessoanos, como «Being Somebody», de alto pendor auto-reflexivo, ou «Pessoa's Last Masquerade», notável pelo uso intrincado da alegoria (Monteiro relaciona muito certamente este último poema, através do trabalho de Honig sobre a alegoria [*The Dark Conceit*, 1956], com a célebre obra de Melville, *Confidence Man* [p. 48-49]); Lawrence Ferlinghetti, cuja novela, *Love in the Days of Rage* (1988), se apresenta inundada do discurso sócio-político de *O banqueiro anarquista*, provavelmente primeiro lido pelo famoso editor de City Lights em tradução francesa (p. 56); Allen Ginsberg, cuja irónica auto-proclamação, «Salutations to Fernando Pessoa», é uma réplica directa à «Saudação a Walt Whitman» de Campos na tradução de Edwin Honig e Susan M. Brown em *Poems of Fernando Pessoa* (1986); Charles Eglington, outro poeta sul africano que, um pouco como o seu compatriota Roy Campbell, se deixou sobretudo inspirar pela recriação pessoana das viagens marítimas e o mito do Adamastor em Camões.

A panorâmica que Monteiro nos oferece de poetas de expressão inglesa que escrevem sob a égide de Pessoa termina com

uma referência à obra de quatro poetas ingleses que se revelam claramente fascinados pelo romance heteronímico: Michael Hamburger, poeta e crítico de origem alemã, autor de um importante ensaio sobre poesia e poética intitulado *The Truth of Poetry* (1969), o qual inclui «uma das melhores interpretações de Pessoa em língua inglesa» (p. 97), e um poeta ainda cujo interesse, na sua própria criação, pelo conceito de *personae* lhe vem directamente do drama-em-gente pessoano; John Wain, autor de «Thinking about Mr. Person»; e ainda Andrew Harvey e Dennis Silk, dois autores que, um pouco à maneira do nosso Saramago em *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984), têm por vezes recorrido à inexistente *coterie* pessoana para alimentar a sua própria criatividade.

Falta mencionar o caso mais interessante de entre os analisados por George Monteiro: o da romancista americana Joyce Carol Oates. Oates, que tem insistido repetidas vezes que não sabia nada de Portugal nem tinha jamais ouvido falar de Pessoa quando se propôs escrever os contos incluídos em *The Poisoned Kiss and Other Stories from the Portuguese* (1975), escolheu misteriosamente um interessante «heterónimo», Fernandes (de Brião), para seu autor (p. 77). Monteiro é de opinião que, independentemente das afirmações obstinadas de Oates acerca da sua suposta ignorância, é muito difícil não ver o fantasma de Pessoa a assombrar *The Poisoned Kiss*, em especial «Letters to Fernandes from a Young American Poet». A verdade é que Fernandes, como argutamente sugeriu um dia João Paulo Moreira, não pode ser senão o filho de Fernando, de facto, uma «pessoa» bem pouco vulgar («Um quarto alugado, um nome emprestado»: Histórias de Portugal por Fernandes Carol Oates [Sobre *The Poisoned Kiss and Other Stories from the Portuguese* de Joyce Carol Oates]), in Isabel Pedro dos Santos *et al.* (orgs.), *Literatura e História* [Actas do VIII Encontro da Associação Portuguesa de

Estudos Anglo-Americanos], Coimbra, APEAA, 1989, p. 67).

O autor deste belo estudo sobre influência poética, hoje jubilado, foi durante anos professor de Literatura Inglesa na Universidade de Brown. Mais recentemente, tem tido uma colaboração activa com o departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros da mesma universidade. Aliás, como muitos dos seus colegas portugueses muito bem sabem, George Monteiro, além de ter publicado um grande número de livros e artigos sobre literatura inglesa e americana, é também autor de ensaios muito pertinentes e úteis sobre literatura portuguesa, e é ainda um pessoano ilustre, como tal altamente respeitado dos dois lados do Atlântico. Um tema que lhe é tão caro a ele como a mim própria é a relação de Pessoa com a tradição poética anglo-americana. Um ensaio muito importante sobre um tema controverso, intitulado «Pessoa and the Whitman Anomaly», apareceu recentemente num número especial sobre Fernando Pessoa da revista americana *Indiana Journal of Hispanic Literatures* (Fall 1996).

George Monteiro é também tradutor de Pessoa e poeta ele próprio. Quem de futuro queira alargar o campo desbravado por *The Presence of Pessoa* terá de ter em conta a sua poesia. *The Coffee Exchange* (Providence, R. I.: Gávea-Brown, 1982) é um conjunto de poemas escritos em Lisboa em 1980-81, na sua maior parte compostos em toalhas ou guardanapos de papel em diversos restaurantes portugueses. O poema que cito a seguir na íntegra (em tradução minha) contém uma das muitas referências do volume ao «velho parasita»:

Quantos poemas
escreveu Pessoa
na toalha de papel do
Café Três Montanhas?
Nenhum, claro; as toalhas eram
de pano nessa altura,
ou então não havia toalhas.

Por isso o velho parasita
vinha equipado,
papel e caneta
no bolso para impressionar
os habitués
tivesse ele poema a
fervilhar ou estivesse só
de cabeça baixa a fingir o mesmo.

Maria Irene Ramalho

151

Darlene J. Sadlier, *An Introduction to Fernando Pessoa: Modernism and the Paradoxes of Authorship*. Gainesville, Florida: UP of Florida, 1998. xiv + 168 pp.

Como o livro de George Monteiro apreciado acima demonstra com clareza, Fernando Pessoa é desde há muito uma «presença» constante no mundo de expressão inglesa. Muitos poetas de língua inglesa se foram rendendo à maestria inventiva da sua poesia e se deixaram fascinar pela sua ficção heronímica. A obra de Pessoa tem sido amplamente traduzida em inglês de formas diversas. Estudiosos de poesia e poética falantes de inglês, para além daqueles que são principalmente especialistas de Literatura Portuguesa, mostram-se cada vez mais interessados pela sua obra multifacetada. E existem já em inglês introduções excelentes sobre a vida e a obra do poeta modernista português, não raro prefaciando selecções importantes da sua poesia em tradução inglesa. Uma das mais bem conseguidas dessas introduções é a que Richard Zenith, poeta americano e talentoso tradutor e intérprete de Pessoa, escreveu para a sua nova colectânea pessoana *Fernando Pessoa & Co., Selected Poems* (New York: Grove Press, 1998).

E contudo, a investigação pessoana em inglês não teve ainda expressão substantiva que se possa considerar marcante.